

ICOM international
council
of museums
Portugal

18 NOVEMBRO 2022

MÉRTOLA

M

ENCONTROS
DE OUTONO

“ HOMENAGEM A
*Cláudio
Torres,*”

+ + +
+ + +
+ + +



“ HOMENAGEM A
**Cláudio
Torres,**”

Curriculum Vitae

Nascido em Tondela em 1939, é licenciado em História e Teoria da Arte pela Universidade de Bucareste (1973) e Doutor "honoris causa" pela Universidade de Évora (2001).

Entre as muitas distinções que recebeu ao longo da sua vida, destacamos a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique concedida pelo Presidente da República em 1993, o Prémio Pessoa (1991), e o Prémio das Académicas Pontifícias do Vaticano concedido em 2015 ao Campo Arqueológico de Mértola pelo Papa Francisco. Desde 2006, é membro do Conselho Consultivo na área do Património Cultural do Ministério da Cultura (IPPAR, IGESPAR, DGPC).

Fundador e Diretor do Campo Arqueológico de Mértola e da revista "Arqueologia Medieval", entre 1974 e 1986, foi docente de várias cadeiras ligadas à História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 1986 e 1996, foi chefe da Divisão Sociocultural da Câmara Municipal de Mértola. Entre 1996 e 2002 (datada sua reforma), foi diretor do Parque Natural do Vale do Guadiana. Em 2001, foi Representante de Portugal no Comité do Património Mundial da UNESCO. Entre 1996 e 2007, foi Presidente da Comissão Nacional Portuguesa dos Monumentos e Sítios – ICOMOS Portugal. Entre 1985 e 1999, foi membro do Comité International de Céramique Médiévale de la Méditerranée Occidentale. Entre 1997 e 1998, foi conselheiro na Comisión de Arqueología da Dirección General de Bienes Culturales de la Junta de Andalucía (Espanha). Entre 2004 e 2012, foi Coordenador Nacional da Rede Portuguesa da Fundação Anna Lindh.

Tem desenvolvido a sua atividade científica na área do Património Cultural, nomeadamente nos domínios da arqueologia, da investigação histórica e da museologia. Na área da arqueologia e da investigação histórica, destaca-se a direção das escavações arqueológicas de Mértola (desde 1978), Mata da Machada no Barreiro (1980), Noudar em Barrancos (1981-1991) e Banhos Islâmicos de Loulé (desde 2016).

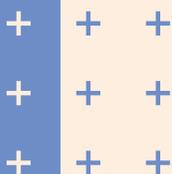
Da sua atividade museográfica, destaca-se a fundação do Museu de Mértola, do qual é diretor.

Dirigiu a equipa que montou as exposições "Cerâmica Islâmica Portuguesa" na Fundação Calouste Gulbenkian (1998) e "Mértola Almorávida e Almóada" na galeria Bab Oudaya em Rabat, Marrocos (1988). Foi consultor científico da Exposição itinerante "Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal" organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (1997); membro da Comissão Científica do programa de incremento do turismo cultural "Por Terras da Moura Encantada" promovido pela Direção Geral de Turismo (1997-2001); comissário da exposição itinerante "O Islão entre o Tejo e o Odiana." (1998); comissário científico da exposição "Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo" exibida no Museu Nacional de Arqueologia em junho de 1998 até finais de outubro; Comissário científico da exposição "Portas do Mediterrâneo" exibida em Tânger durante os meses de Setembro e Outubro de 1999 e em Rabat durante os meses de Novembro e Dezembro do mesmo ano.

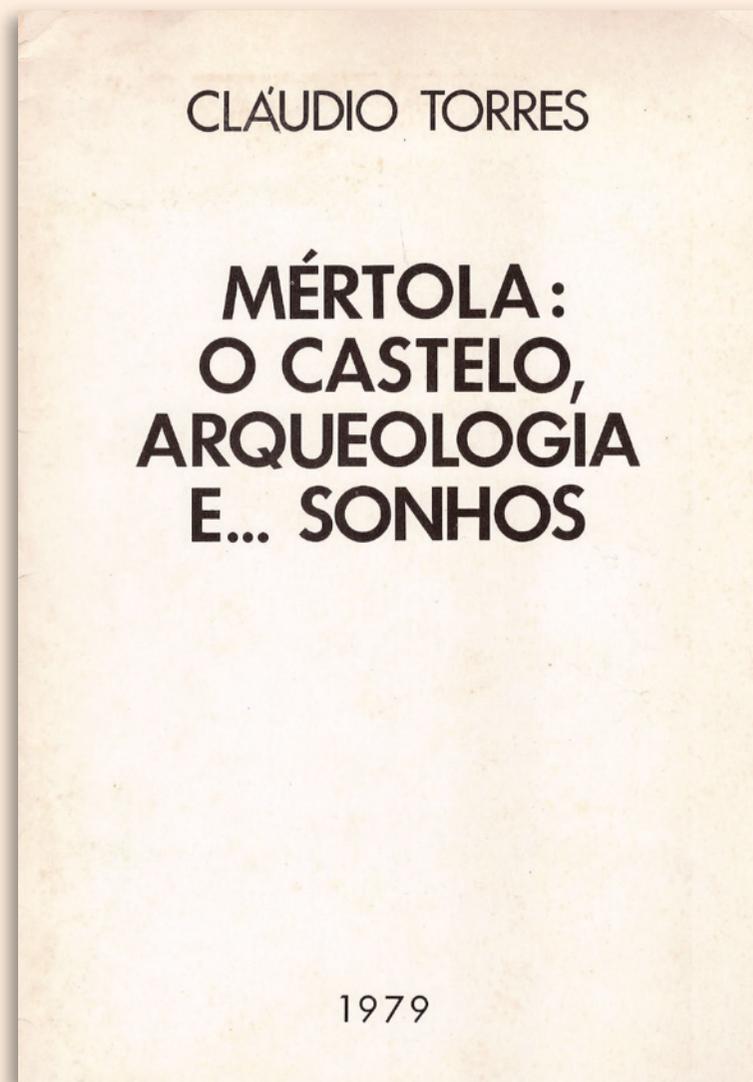
Entre outros trabalhos publicados, destacam-se: "Cerâmica Islâmica Portuguesa: Catálogo", Câmara Municipal de Mértola, 1987; "Mértola: vila museu", Campo Arqueológico de Mértola, 1989; "O Gharb al-Andaluz", in História de Portugal - (Vol. I) (direção de José Mattoso), Círculo de Leitores, 1992; "A arte islâmica no Ocidente Andaluz" in História da Arte Portuguesa (direção de Paulo Pereira), 1995 e "O Legado Islâmico em Portugal", Círculo de Leitores, 1998.

Reconhecimentos:

- Prémio Pessoa (1991);
- Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (1993);
- Prémio Nacional "Memória e Identidade" (2020/2021) atribuído pela Associação Nacional de Municípios com Centro Histórico;
- Prémio "Personalidade na área da Museologia", pela APOM (2020);
- Medalha de Mérito Cultural (2020), atribuída pelo Ministério da Cultura



*Separata
publicada na Revista
“História e Sociedade”,
em junho de 1979.*



+ + +
+ + +
+ + +

HOMENAGEM A
**Cláudio
Torres,**

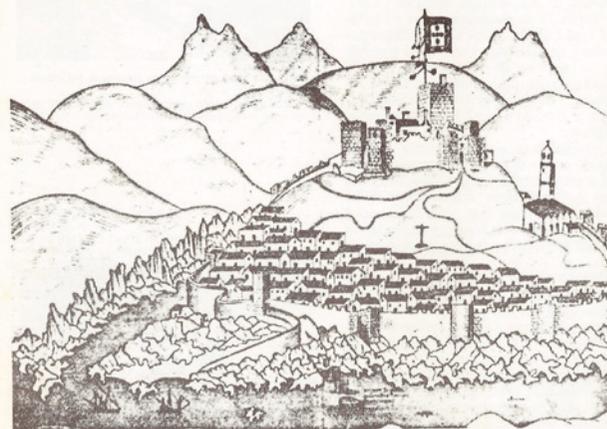
CLÁUDIO TORRES
MÉRTOLA:
O CASTELO
ARQUEOLOGIA
E... SONHOS

Separata tirada da revista "História e Sociedade" n. 4/5
Junho 1979

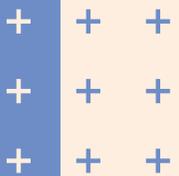
Há comunidades humanas e pequenos povoados que ao longo dos séculos se foram anichando à sombra de prestigiosas ruínas de uma longínqua e mitizada história, onde mours encantadas guardam ciosamente os seus tesouros.

Não será fácil encontrar em Portugal uma povoação tão marcada pela imaginária do passado como Mértola onde, até há pouco tempo, qualquer habitante que «sonhasse» três vezes tinha o direito legal de escavar no castelo à procura do «seu» tesouro, que seria repartido com as autoridades.

É um passado que vive no quotidiano, espartilhado por grossas muralhas e bastiões, sugestivos mármore, calçadas e ruelas, túneis e cisternas — um passado que é um rio e um porto que morreu.



A VILA DE MERTOLA NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XVI.
Desenho de Duarte de Armas no LIVRO DAS FORTALEZAS



Porque consideramos a Arqueologia como um saber assente na totalidade de um passado, próximo ou longínquo, sobre o qual as comunidades actuais construíram parte importante da sua memória colectiva – sendo assim seu património inalienável – não nos é possível admitir o início de qualquer tipo de escavação arqueológica sem procurar, em simultâneo, o apoio da população local na maneira de resolver os problemas levantados com a recuperação e valorização dos objectos e estruturas postos a descoberto.

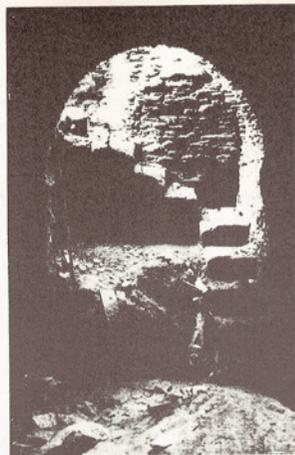
Assim, feito um primeiro levantamento bibliográfico referente não só ao Castelo, mas a todo o concelho de Mértola, iniciámos uma recolha circunstanciada de informações entre os habitantes, mantendo-os também constantemente informados das nossas intenções e projectos.

Logo de início, em Outubro de 1978, constituiu-se uma equipa interdisciplinar de História da Civilização Muçulmana e Medieval de Portugal (António Borges Coelho), de Arqueologia Medieval (Cláudio Torres) e de Cerâmica Árabe e Medieval (José Luis de Matos) com o objectivo imediato de proceder à escavação sistemática do entulho de uma enorme galeria subterrânea situada na área do Castelo e também o de desenvolver um trabalho paralelo, a nível do Concelho, de recuperação integrada.

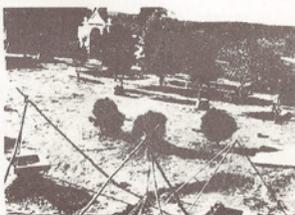
Desenrolam-se, por conseguinte, duas linhas de acção simultâneas que se completam e integram num plano conjunto mais vasto de viabilização económica e social de uma ampla zona cujo pólo dinamizador tem sido a autarquia local, empenhada em arrancar a sua terra de uma letargia de séculos.

Quanto à linha de acção que denominamos Recuperação Integrada, está em curso de execução um plano que, embora não sonhado três vezes, poderá tornar Mértola beneficiária e inteiramente consciente dos tesouros que em si encerra.

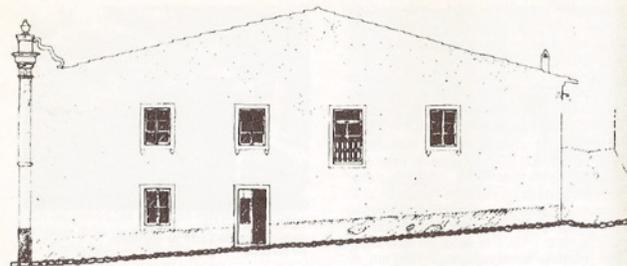
Em primeiro lugar, temos em vista a constituição de um Museu Municipal onde serão expostos os fragmentos arquitectónicos ainda amontoados na torre de menagem, as peças intactas e/ou reconstituídas provenientes das escavações, objectos de arte popular e etnográficos e mesmo exem-



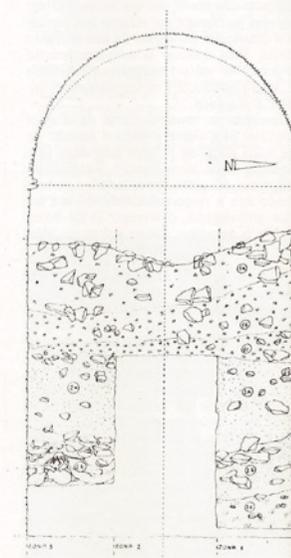
Vista do topo ocidental da Galeria A no início do trabalho.
Escadas de acesso constituídas por blocos de granito mortulados, em reutilização.



CAMPO ARQUEOLÓGICO

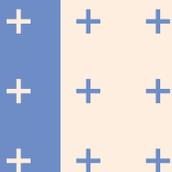


Pouco a pouco, está ser feito o levantamento interior e exterior de todas as casas do período medieval. Tem sido preciosa a colaboração dos habitantes na descoberta do seu próprio espaço.



ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DO ENTULHO QUE PERMITIU DETERMINAR TRÊS CAMADAS PRINCIPAIS DE ATERROS:

- A mais funda, junto ao pavimento de "opus signinum", é constituída por uma grande quantidade de material de construção: telha e tijolo, argamassa e elementos arquitectónicos de mármore.
- Uma camada intermédia, mais pobre, com muita pedra, e onde foram encontrados dois corpos sem enterramento.
- A última camada é a mais rica em cerâmica da época muçulmana. Muito poucos fragmentos cerâmicos romanos e alguma moedas da 1.ª dinastia.

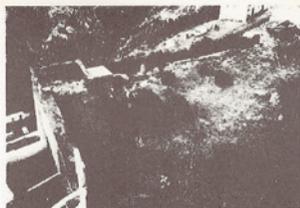


plares bibliográficos raros, que poderão constituir o arranque de uma futura biblioteca. As pessoas da terra têm oferecido moedas, capitéis e outros objectos, a fim de enriquecer o seu museu. Um belo edifício do século XVIII, semi-arruinado, acaba de ser doado à Câmara para este fim.

Do outro lado da rua, no edifício da Misericórdia, que assenta num dos bastiões da Porta Velha da vila, estamos a organizar uma Secção de Arte Sacra. Na igreja e anexos, desfectados e em bom estado de conservação, irão ser reunidas, em colaboração com o pároco da freguesia, as melhores peças litúrgicas e de arte sacra do Concelho. Uma sumária inventariação revela um riquíssimo espólio, sobretudo do século XVII. A necessidade deste museu impõe-se, dado o afastamento em que se encontram as igrejas paroquiais em relação aos povoados e consequentes saques de que têm sido vítimas. Para minorar o empobrecimento dos locais de culto tencionamos substituir por boas reproduções os originais eventualmente deslocados.

Também na zona medieval da vila foi adquirido pela Câmara todo o recheio de uma velha forja, na própria casa onde funcionava e cujos instrumentos, ferramentas e objectos já estão inventariados, continuando sob a responsabilidade do seu anterior proprietário, o ferreiro Ti Zé Brito. Foi este o primeiro museu a abrir em Mértola.

Nas minas de S. Domingos, paradas há dez anos, e onde o abandono e a emigração esvaziaram o maior aglomerado populacional do concelho, está em curso uma acção de recolha e inventariação dos documentos que ainda se encontram no local, relativos à vida da empresa e dos seus operários, e vai proceder-se à fotocópia dos arquivos da sede de Lisboa da companhia alemã ainda proprietária das minas e de toda a povoação. Estão a ser reunidos instrumentos de trabalho, vestuário e outros objectos em vias de se perder e alienar e vai ser feito em breve o levantamento fotográfico das instalações e maquinaria em desmontagem, além do registo em fita magnética da memória oral dos velhos mineiros. Provisoriamente, este espólio está a ser reunido em Mértola, até se encontrar na



Campo arqueológico visto do alto da Torre da Menagem do castelo.

própria povoação de S. Domingos um local apropriado à sua organização museística.

No que concerne, de um modo geral, os aglomerados populacionais e partindo do princípio que é necessário não só preservá-los em função de princípios estéticos como e principalmente compreender e salvaguardar mecanismos de relação entre o homem-comunidade e os espaços socializados que o envolvem, iniciámos o levantamento urbanístico e arquitectónico dos conjuntos, tendo como referência os arruamentos e espaços de utilização pública e sua correlação com os espaços semiprivados e interiores da habitação.

Aqui a acção toma-se premente devido à campanha que a Câmara iniciou de abertura de novas ruas e vias de acesso, reparação de casas degradadas ou construção de novas — tendo-se mostrado concludente a coordenação da nossa equipa com o poder local.

Este tipo de trabalho, acompanhado por um estudo do mobiliário, recolha de literatura oral, medicina popular e culinária, já foi iniciado no povoado de Mesquita e na parte medieval da vila de Mértola por grupos de alunos da minha cadeira de História da Arte I da Universidade de Lisboa. No levantamento de cultura oral, temos o apoio do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que efectuou uma recolha siste-

mática no monte do Álamo, a 6 km da vila. Foi também gravado em fita magnética o grupo coral de Mértola.

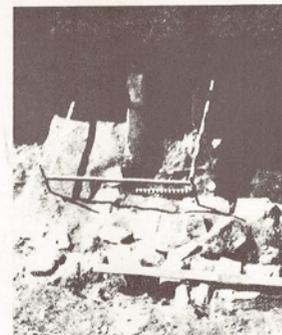
Finalmente, preparamos as formas de intervenção na recuperação e aproveitamento do conjunto monástico franciscano fronteiro à vila, das azenhas abobadadas do Guadiana e afluentes e ainda, em função de um mapa arqueológico, procuramos estabelecer o traçado das principais vias de escoamento dos antigos locais de mineração — cobre e ouro — em direcção ao Guadiana, demarcando os povoados e outras estruturas arqueológicas delas dependentes.

Tudo isto — para quê ?

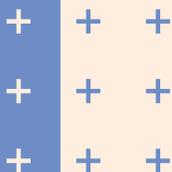
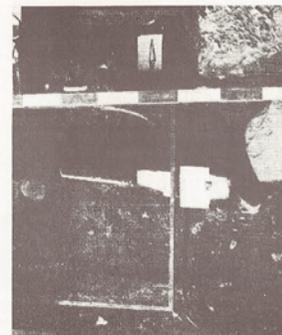
A recolha e inventariação de documentos em pedra, em cerâmica, em bronze; de escritos nas lápides, pergaminhos e papéis; de testemunhos na memória da fala e da música, no traçado enfiado de uma manta e de uma alcofa; a sua datação, ordenação no tempo e no espaço, a sua apresentação — vitrina-objecto, casa-museu, em papéis, em novos livros — constituem, certamente ou por si só, fins em si. Mas são também, evidentemente, um meio de conhecer algo mais de alguma coisa. Neste caso, alguma coisa é a vida de Mértola, e o algo mais que se quer conhecer é o funcionamento das suas estruturas em determinado período. Por exemplo, o como e o exactamente quando e porquê se deu o seu declínio, que factores internos o geraram, que factores externos o forçaram.

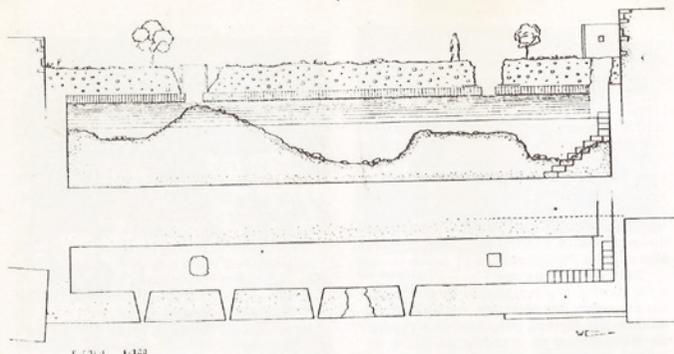
Pelas ruas e poiais, nas soleiras e pátios, por entre a brancura da cal descobrem-se, por vezes tão caídas como todo o resto, bases de grossas colunas, frisos e ábacos trabalhados a preceito — marcas de uma classe dirigente da opulenta Myrtilis. Extramuros, no Carmo e na Achada de S. Sebastião encontram-se enormes necrópoles datáveis com segurança dos séculos V e VI.

Nos arredores assinalam-se dezenas de "vilas rústicas" e povoados cujo último período de ocupação e definitivo abandono deve certamente estar ligado à época conturbada da reconquista. A própria "villa" do senhor romano, depois de utilizada por um senhor local, foi mais tarde, tudo o leva a crer, adaptada às necessidades de uma pequena comunidade camponesa.



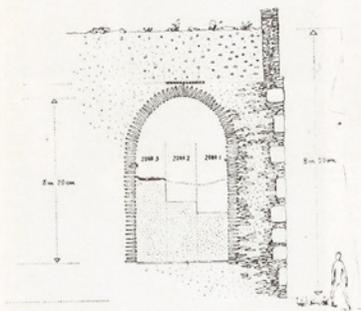
Início das escavações de superfície na campanha de 1979. Além desta quadrícula junto ao bastião NW estão em trabalho outras duas sobre a estrutura de um possível balneário detectado em 1978. A 70 ou 80 cm do solo estende-se uma vasta necrópole, talvez da 1.ª dinastia, pois numa das sepulturas foi encontrado um "di-nheiro" de D. Sancho II. A rigorosa análise estratigráfica da superfície está a permitir estabelecer a cronologia das peças retiradas do entulho da Galeria A.





E. 21.1.1 1:200

Planta e corte longitudinal (E-W) de uma galeria subterrânea (Galeria A) cujo entulho tem vindo a ser retirado de forma sistemática nas campanhas de 1978-79. Nota-se o nível do entulho no início das escavações.

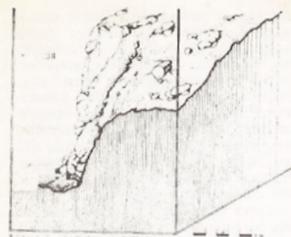


PERFIL DA GALERIA:

Comprimento: 32,17 m
Largura: variável entre 2,76 e 2,82 m
Altura: 5,20 m

Abóbada levemente peraltada de alvenaria xistosa, bem aparelhada e em bom estado de conservação. Sobre a abóbada é assinalado um pavimento de mosaico e no paramento exterior da muralha nota-se a reutilização de silhares almofadados romanos.

8



O mesmo topo ocidental da Galeria A mostrando a situação do entulho no início das escavações.

Local muito revolvido por pesquisadores de tesouros.

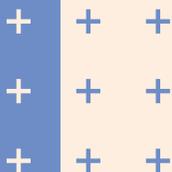
Além da mesquita e de uma ou duas lápides, onde estão as marcas de poder da capital de um reino de Taifa? Onde estão cinco séculos de história do período muçulmano? Como e onde habitava a numerosa população desta cidade portuária, um dos mais movimentados entroncamentos comerciais do sul do país? E depois das razias dos espartários? Que modificações sócio-económicas se processaram? Começa a decadência?

A estas e outras perguntas, na falta ou penúria de outros documentos, a investigação arqueológica tem uma palavra importante a dizer. Uma arqueologia que procure, analise e catalogue, não apenas a bela "sigillata", mas também a humilde e prosaica cerâmica comum, que procure além do núcleo da "villa romana", a pequena oficina ou lagar, a habitação e quotidiano das classes dominadas. Uma arqueologia que procure não apenas sólidas paredes de tijolo e alvenaria, mas também ténues cortinas de taipa, esbatidos solos de terra pisada, onde a picareta é substituída pelo pincel. A partir de ínfimos fragmentos, tentar reconstruir o núcleo habitacio-



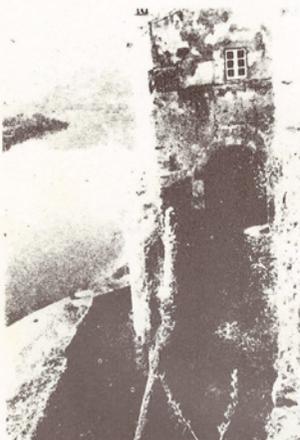
Pequeno largo onde se encontra perfeitamente integrada a forja do Ti Zé Brito.

9





Entre milhares de fragmentos de cerâmica comum, há largas dezenas de luxuosos vidrados em "corda seca" do período califal, como vemos na foto, e bem assim peças com reflexos dourados e em "empronta" almorávida.

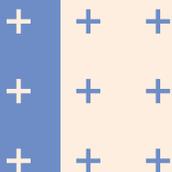


Porta velha de Mértola sobre a qual se levantou no séc. XVI, o edifício da Misericórdia. Em 1979 iniciaram-se as obras de recuperação desse edifício, para a af se instalar a secção de Arte Sacra do Museu Municipal.

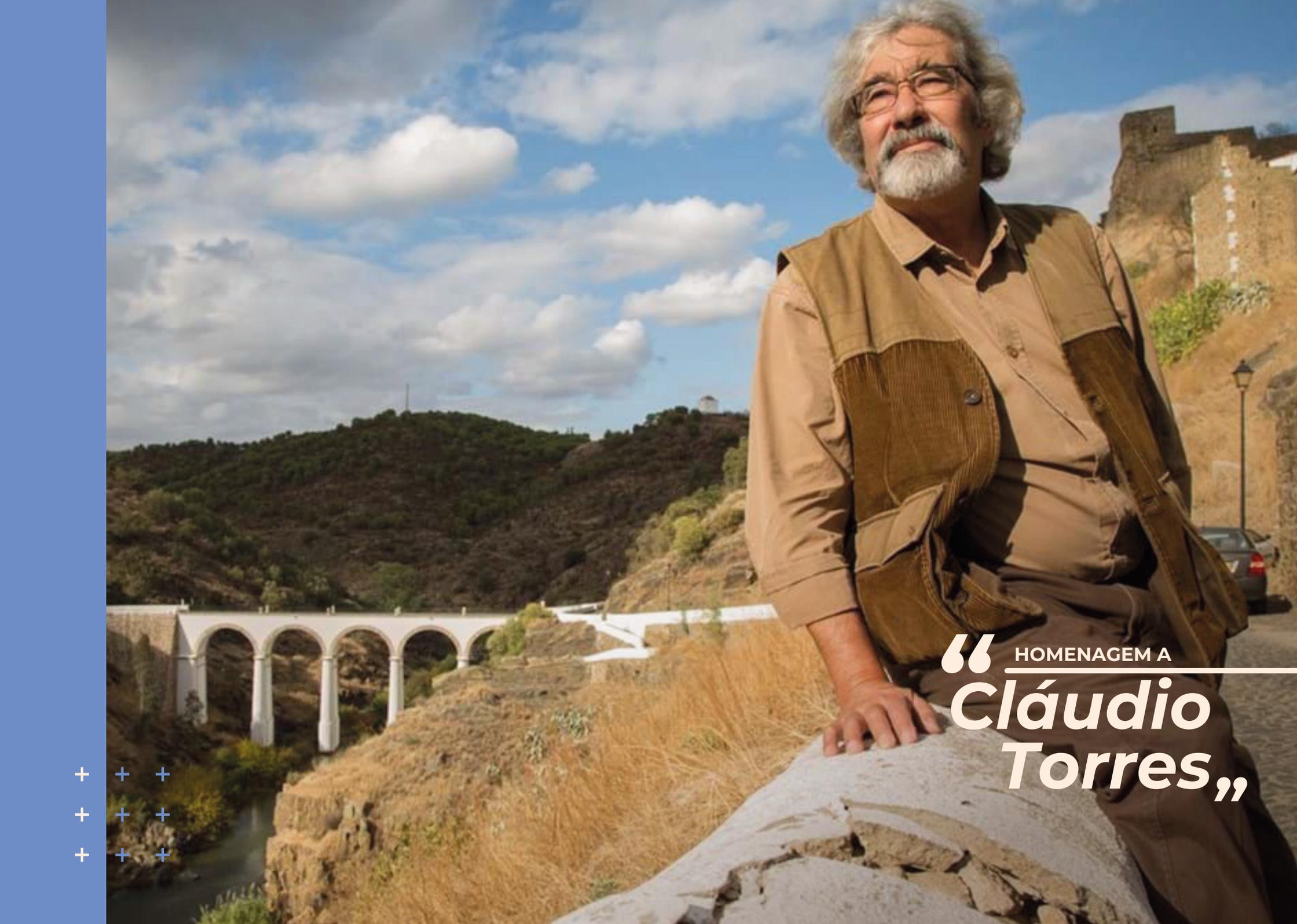
10

nal, espaço comunitário e função económica. Descortinar relações entre grupos sociais — por exemplo, na estratificação em classes das necrópoles e cemitérios.

São muitas perguntas e outras tantas respostas que morosa, paciente e teimosamente é preciso encontrar. Não certamente através da compartimentação do território em fatias ou feudos deste ou daquele alto especialista... e sim por meio de equipas mistas e complexas, em que o trabalho de um é complemento do de outro e em que — nunca esqueçê-lo — quem interessa acima dos palácios, dos capitéis, das "villas" e castelos é o homem. Não o homem arqueológico e sim o homem-comunidade bem real que hoje vive, trabalha e sonha em cima do seu passado, um passado que tem de compreender para olhar o futuro.



HOMENAGEM A
**Cláudio
Torres,**



HOMENAGEM A

**Cláudio
Torres,**



Museu de Mértola Cláudio Torres: 1982/2022

Introdução

Que enquadramento teórico é possível desenhar para o projeto do Museu de Mértola? Qual foi a sua origem? Que planificação houve? Como e quando é que as coisas aconteceram? Que reflexão se fez? Porque é que este projeto é tão citado e Mértola acabou por se tornar uma referência?

A primeira e decisiva dificuldade é a de apresentar uma bibliografia, com textos que onde se sustentasse teoricamente o projeto e o que se estava a fazer. Tais textos não existem. O projeto de Mértola e, por conseguinte, o museu que se foi construindo, não tiveram uma profunda teorização. Não tiveram, sequer, teorização. Foram feitos de prática e de efetiva participação. Palavras hoje em voga como “curadoria”, “sustentabilidade” ou “inclusão” tinham, então, contrapontos como “prática”, “compromisso” e “presença”.

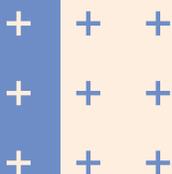
Fez-se assim porque havia urgência nas coisas. Avançou-se para a recuperação de imagens religiosas porque corriam riscos – um projeto que pareceu bizarro, no Alentejo de então – e recuperaram-se as mantas tradicionais porque em breve se perderia um saber fazer irrepetível.

Cláudio Torres lecionava então na Faculdade de Letras de Lisboa cadeiras como Sociologia da Arte, História da Arte Medieval e Arqueologia Medieval. As aulas eram pouco formais e tudo aquilo que ali ouvíamos era uma descoberta diária. Não houve teorização sobre o projeto. Mas pôs-nos a ler Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira. E Pierre Guichard, que escrevia exatamente o contrário daquele que o próprio defendia quanto ao processo de islamização. A liberdade, para nós, deixava de ser só uma palavra e convertia-se em prática quotidiana.

Não houve planeamento detalhado, porque não houve tempo para planear. À luz dos nossos dias, o arranque do projeto do Museu de Mértola – como muito do que lhe está associado, em termos técnico-científicos – não deveria ter sido assim.

O arranque foi conservador e, diríamos hoje, pouco

ousado. Cláudio Torres num dos raros textos em que o projeto foi “pensado” escreveu o seguinte: “em primeiro lugar, temos em vista a constituição de um Museu Municipal, onde serão expostos os fragmentos arquitectónicos ainda amontoados na torre de menagem, as peças intactas e/ou reconstituídas provenientes das escavações, objectos de arte popular e etnográficos e mesmo exemplares bibliográficos raros, que poderão constituir o arranque de uma futura biblioteca”. Isto está nos números 4 e 5 da revista *História e Sociedade*, publicada em junho de 1979. O texto intitula-se “Mértola, o castelo, arqueologia... e sonhos”. Curiosamente, no mesmo artigo, Cláudio Torres apresenta uma visão do que tinha em mente e que era radicalmente diferente desta perspetiva tão formal e tão pouco ambiciosa. Cito novamente: (...) na falta ou na penúria de outros documentos, a investigação arqueológica tem uma palavra importante a dizer. Uma arqueologia que procure, analise e catalogue, não apenas a bela sigillata, mas também a humilde e prosaica cerâmica comum, que procure além do núcleo da villa romana, a pequena oficina ou lagar, a habitação e quotidiano das classes dominadas. Uma arqueologia que procure não apenas sólidas paredes de tijolo e alvenaria, mas também ténues cortinas da taipa, esbatidos solos de terra pisada, onde a picareta é substituída pelo pincel. A partir de ínfimos fragmentos, tentar reconstituir o núcleo habitacional, espaço comunitário e função económica. Descortinar relações entre grupos sociais — por exemplo, na estratificação em classes das necrópoles e cemitérios. São muitas perguntas e outras tantas respostas que morosa, paciente e teimosamente é preciso encontrar. Não certamente através da compartimentação do território em fatias ou feudos deste ou daquele especialista... e sim por meio de equipas mistas e complexas, em que o trabalho de um é complemento do de outro e em que — nunca esquecê-lo — quem interessa acima dos palácios, dos capitéis, das villas e castelos — é o homem. Não o homem-arqueológico e sim o homem-comunidade bem real que hoje vive, trabalha e sonha em cima do seu passado, um passado que tem de compreender para olhar o futuro (...).



Do que se fazia o projeto que arrancava? De voluntarismo, de otimismo. Como numa célebre cena de um filme de Mario Monicelli em que alguém se interroga “o que é o génio?, para depois responder: é fantasia, é intuição, decisão e velocidade de execução”. No arranque estiveram a fantasia e a intuição. Que o projeto de Mértola tenha começado por um levantamento dos padrões das mantas não se estranha. Essa descoberta do outro lado da História, e do outro lado do espelho, foi um invulgar ponto de partida. Um toque de magia que deu origem ao resto.

Do núcleo inicial à Casa Romana

A primeira exposição do Museu de Mértola abriu as portas ao público no final de outubro de 1982. Julgo que podemos resumir esse começo da seguinte forma

- Havia uma escavação que estava ainda no início, que abrangia uma pequena parte da alcáçova e a redescoberta de um criptopórtico, uma estrutura do século V;*
- Havia outra intervenção, também muito no início, junto à escola primária, no sítio onde Estácio da Veiga e Leite de Vasconcelos tinham identificado o que se pensava ser uma basílica paleocristã;*

Finalmente, começa a desenhar-se

- Um pequeno museu, instalado na antiga Igreja da Misericórdia, onde cabia tudo: a coleção islâmica, exposta numas vitrines recicladas; a coleção de arte sacra, mais os laboratórios, tudo no mesmo sítio.*

À luz dos nossos dias – e mesmo aos de então – o museu tinha uma série de problemas técnicos: a entrada tinha degraus, o que não é indicado, em termos de acessibilidades; o painel de entrada do museu era manuscrito, na laboriosa e bem ordenada caligrafia do Luís Silva; os plintos e as vitrines eram emprestados e reciclados; a informação tinha lacunas; a improvisação imperava. O que nos faltava em meios, sobrava-nos em alma e em convicção.

Tecnicamente talvez não fosse assim o que deveríamos fazer. Politicamente, era. Era e foi.

Entre 1982 e 1988 entramos num impasse. O projeto de um museu islâmico começava a ser sonhado, mas não tínhamos dinheiro. Os fundos comunitários ainda não existiam. As instalações do Campo Arqueológico eram precárias. O apoio ao projeto vinha de subsídios do IPPC e, de forma largamente maioritária, da Câmara Municipal de Mértola. Avançava-se aos poucos e com grande esforço.

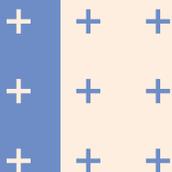
Em 1984, um incêndio nos Paços do Concelho obrigou à reconstrução do edifício. As escavações arqueológicas põem a descoberto os restos de uma casa romana. O espaço da cave, que estava destinado ao arquivo camarário, transforma-se num museu de sítio. Leva-se para o impluvium uma estátua romana. Um particular reclama a propriedade da estátua. O processo vai parar a tribunal. E só se resolve depois de laboriosas negociações.

As escavações no Rossio do Carmo avançavam, entretanto. O arq. Luís Bruno Soares terminava um projeto de reabilitação que faria da basílica outro museu de sítio. Mas também não havia dinheiro.

No verão de 1986 surgem os projetos da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. A JNICT era liderada desde maio por José Mariano Gago, um jovem catedrático de Física do Técnico. Ante a resistência de um Cláudio Torres, sempre reticente com esquemas demasiado oficiais, avançamos para três projetos, com destaque para a Museologia. Colocávamos no centro da nossa atividade científica a transformação dos espaços de trabalho arqueológico em sítios museológicos. Ou seja, a Ciência no quotidiano.

Foi esse apoio que nos permitiu avançar, em anos marcados pela conclusão da Casa Romana, aberta ao público em 24 de junho de 1988, pelo arranque das obras da Basílica e por muitos ataques ao projeto. O que se fazia em Mértola não era, supostamente, científico. Era agitprop e teria mais aventureirismo que investigação. Essa imagem perduraria e deixou marcas.

Em 1987, o projeto de Mértola ganhara reconhecimento dos seus pares, fora de portas. Teve lugar em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, o IV Congresso Internacional de Cerâmica do Mediterrâneo Ocidental. Um sucesso, que deu projeção ao Campo Arqueológico



e a um museu ainda em construção.

Depois do triénio 1987/1989, a segunda fase dos projetos da JNICT culminou em fracasso. O Campo Arqueológico ficou de fora dos programas a apoiar. O dinheiro esgotava-se. A situação financeira complicava-se. As saídas eram poucas. Estava a arrancar a obra do Museu Paleocristão, mas o ritmo era mais de “para” que de “arranca”. Em 1991, a obra parara mesmo e o local do futuro museu servia de improvisado, e coberto, parque de estacionamento para alguns carros da vizinhança.

O projeto é salvo pelo Prémio Pessoa. Um quase desconhecido Cláudio Torres era, no início de dezembro de 1991, anunciado como vencedor. A Feira do Livro de Mértola ia começar, José Saramago era o convidado de honra e a aposta era que seria ele o Pessoa, desse ano. Não estranhei, por isso, que o locutor de uma estação radiofónica de cobertura nacional anunciasse enfaticamente que o vencedor do Prémio Pessoa era o arqueólogo Carlos Torres.

A visibilidade do Prémio permitiu-nos várias coisas:

Retomar e concluir o projeto da sala da Torre de Menagem, com a musealização de um conjunto de peças da Alta Idade Média;

Conseguir a aprovação de um plano de edições por parte da Comissão de Coordenação Regional, que garantiu um conjunto substancial de publicações de qualidade. Hoje, contamos em perto de seis dezenas o que foi saindo e está disponível, sob as mais diversas formas.

Lançar uma revista de “Arqueologia Medieval”, feita de forma pouco ortodoxa (há uns anos ainda não tinha “peer-reviews” e faço votos que assim se mantenha) e com um modelo de financiamento que “especialistas” me garantiram estar condenado ao fracasso. Várias vezes prognosticaram que sairiam uns três números. A “Arqueologia Medieval” existe desde 1992 e vai no número 15.

Com grandes dificuldades, e em marchas forçadas terminou-se o Museu Paleocristão, inaugurado em 1993. Foi publicado um catálogo. Uma cobertura passou a proteger as estruturas do século V. A estrutura do edifício, com as fenestras em

mármore sugerindo o alabastro, com as paredes de cor rosa palácio, com a epigrafia em latim e em grego enquadrando as ruínas, a ligação entre a História, o Património e a modernidade davam o mote ao futuro do Museu.

Adotaríamos informalmente, doravante, um conjunto de práticas que foram dando visibilidade, consistência, solidez e credibilidade ao projeto.

Em primeiro lugar, a ligação entre Arqueologia e espaços museológicos seria, sempre que possível destacada e orientaria os novos projetos. Assim foi com a Achada de S. Sebastião, com a Alcáçova, com o Hotel-Museu e com o núcleo da mesquita;

Em segundo lugar, a cada espaço museológico corresponderia, obrigatoriamente, um catálogo, com contribuições internas e externas;

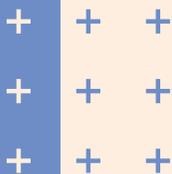
Em terceiro lugar, deveria potenciar-se o papel do museu enquanto elemento importante ao serviço do turismo e da economia local.

O Projeto Integrado de Mértola e a consolidação do projeto do Museu

Com o Museu Paleocristão terminado, havia mais dois desafios a vencer: o projeto do

Museu Islâmico estava então praticamente terminado, mas continuava a não haver dinheiro para o concretizar; a Casa Amarela, vista e sonhada de há muito como sede do Campo Arqueológico precisava de uma intervenção de fundo. O ano de 1994 viria a revelar-se decisivo.

Primeiro, é aprovado o financiamento comunitário para o Museu Islâmico. Com um orçamento de 60.000 contos (300.000 euros) e uma taxa de cofinanciamento de 60% obrigava o Campo Arqueológico a encontrar uma verba de 24.000 contos (120.000 euros). O problema acaba por ser resolvido com uma inesperada ajuda externa. O Fundo de Turismo entra em contacto com o Campo Arqueológico de Mértola e propõe um acordo tripartido, Fundo de Turismo – Campo Arqueológico – Câmara Municipal, para financiar, a fundo perdido, cerca de uma dezena de intervenções. Desenhava-se



o Projeto Integrado de Mértola. Um número importante de intervenções veria a luz do dia nos anos que se seguiram. As publicações de catálogos de núcleos museológicos sucedem-se. O da necrópole e o da ermida da Achada de S. Sebastião em 1999, o de Arte Sacra em 2001. O Projeto Integrado de Mértola permitia contrariar a primeira Lei de Newton, a da inércia. Uma inércia motivada por uma crónica incapacidade financeira e pela difícil gestão de recursos humanos. Entre 1995 e 2001, o Museu avançava, em vários tabuleiros.

Prosseguia, em ambiente de grande dificuldade técnica e financeira, a obra do Museu Islâmico, verdadeira chave de abóbada do projeto. Em 1998 e em 1999, o Campo Arqueológico assegura o comissariado de duas exposições de fôlego: “Portugal Islâmico”, no Museu Nacional de Arqueologia e “Portugal- Marrocos: portas do Mediterrâneo”, no Museu de Tânger.

O Museu Islâmico foi inaugurado em finais de 2001. Foi o final de um processo traumático. O Museu de Mértola gerava então menos unanimidade que hoje. Ficaram-me na memória as folhas que tivemos de afixar em vários locais da vila, explicando que não era a Câmara Municipal a pagar a obra... Pouco depois, o Museu passou formalmente para a tutela da Câmara Municipal, mediante um acordo tripartido entre a Câmara Municipal, o Campo Arqueológico e o Instituto Português de Museus. Cláudio Torres continuaria a garantir a direção científico do projeto, tanto no CAM como no próprio museu. Recordo-me de ter sido chamado a fazer uma apresentação do projeto futuro, numa sessão pública. Tal como me recordo de ter terminado a intervenção com a frase “o futuro espera-nos ao virar da esquina”.

A inauguração do Museu Islâmico aconteceu há mais de 20 anos. Nestas duas décadas, o Museu consolidou-se, ganhou novos espaços e saíram mais catálogos (o da Casa Romana em 2012, o do Arrabalde Ribeirinho e um catálogo geral em 2014).

Desenham-se agora novos desafios. Entre eles avultam a valorização do novo batistério da Alta Idade Média, junto ao castelo e a necessidade de dar visibilidade ao espantoso conjunto de estátuas romanas encontradas no coração da vila velha.

Importa, sobretudo, continuar a dar alma ao projeto e a fazer dele algo de único e de verdadeiramente especial.

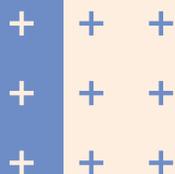
Que Museu, 40 anos depois do arranque?

Não é objetivo nem pretensão deste texto traçar a história do Museu de Mértola, muito menos a de lançar pistas para o futuro. Não terei a veleidade de fazer uma história do Campo Arqueológico. É algo que não farei, nem agora, nem depois. Mas queria sublinhar o ar festivo, descoordenado, competente, financeiramente falido e politicamente comprometido que marcou da primeira fase da casa. Foram os “dias de Arcádia” desta nossa vida.

Estamos muito longe do texto inicial onde se preconizava estar em vista “a constituição de um Museu Municipal, onde serão expostos os fragmentos arquitectónicos ainda amontoados na torre de menagem, as peças intactas e/ou reconstituídas provenientes das escavações, objectos de arte popular e etnográficos e mesmo exemplares bibliográficos raros, que poderão constituir o arranque de uma futura biblioteca”. A velocidade dos acontecimentos ultrapassou a brevidade do enunciado inicial.

Muitas vezes ouvi dizer, em jeito de elogio, que o Museu de Mértola era um exemplo e um modelo. Não era, nunca foi, uma coisa ou outra. Não era um exemplo porque irrepetível – foi fruto de circunstâncias muito específicas, num momento histórico muito concreto – nem era um modelo porque Mértola tirava partido de um património muito concreto, e muito diversificado, que noutros sítios não existia ou tinha outra expressão. Obviamente, sem o poder local democrático nada disto teria sido possível. Com altos e baixos, com momentos melhores e outros menos bons, não haveria este museu sem o apoio da Câmara Municipal de Mértola.

Tudo era novo no arranque do museu. Eram novos os projetos culturais nos municípios, era recente a arqueologia feita fora dos muros da universidade, era enorme a curiosidade que tudo isto despertava numa geração de jovens estudantes que andava à procura de respostas [hoje também andam, claro: problemas diferentes, outras questões, outras expectativas, como



é natural]. Queríamos fazer investigação ou concretizar projetos e, com frequência, havia mais dúvidas que certezas.

A investigação arqueológica, enquanto atividade científica, desde muito cedo se aliou, em Mértola, a outras visões do passado e se lançou na procura de percursos para compreender o território e a dinâmica dos seus habitantes. Nos primeiros anos era quase só a arqueologia, meia dúzia de quadrículas abertas à canícula num terreiro, na zona alta da vila. Depois, vieram outros caminhos, a arqueologia descobriu e vestiu as esquecidas mantas serrenhas, equiparam-se laboratórios, recuperaram-se peças, montaram-se exposições, foram localizados e restituídos velhos engenhos de produção, reinventaram-se as tecnologias tradicionais e fez-se um longo trabalho científico.

É preciso recuar quase quarenta anos para termos a percepção de que o projeto de Mértola enquanto tal, como ideia pré-concebida, nunca existiu. Não havia projeto algum, com planos quinquenais e objetivos delineados. O projeto foi-se construindo. Na altura não se falava em deliverables e tudo o que nós queríamos era fazer coisas: fotografia, restauro, aprender técnicas tradicionais de construção, ou, mesmo, fazer levantamentos de tecelagem, ou, até, arqueologia.

Creio que, ao fim de todos estes anos, o fator mais importante deste projeto foi o seu posicionamento político e social e o facto de ter sido formativo para tantos de nós. Não se trata aqui de colocar Cláudio Torres num andor, mas de o entendermos como catalisador de muitas coisas que aqui se passavam. Mesmo de algumas que lhe passavam ao lado, mas que se ele não estivesse cá não teriam acontecido.

Fui ouvindo, ao longo dos anos, algumas críticas azedas ao trabalho de Cláudio Torres — que era “pouco arqueólogo”, que não ligava muito às questões de metodologia, que estava mais preocupado em fazer museus do que em publicar materiais, etc. —, críticas essas que se tornavam extensivas à equipa e a um método de intervenção pouco canónico. Na verdade, esses terrenos mais formais não eram os dele. As preocupações formuladas eram outras, como outro era, e tem sido, o

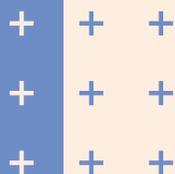
caminho. Também as telas de Ernest Meissonier eram tecnicamente perfeitas, mas frias, sem chama nem alma. Foi esse academismo frio que a abordagem de Cláudio Torres sempre recusou.

Mértola é um modelo? Não é tal, repito. Não é um modelo na medida em que não pode ser replicado nem repetido. Não é possível que isso aconteça porque as condições para o seu surgimento aconteceram num dado momento e naquelas condições. É algo que não se pode refazer. Nem em Mértola, nos nossos dias. Não é um modelo, nem um exemplo, porque outros locais necessitam de soluções diferentes, adaptadas a realidades concretas.

O CAM, opus magnum de Cláudio Torres, mais o museu que lhe está associado foram, ontem mais do que hoje, uma plataforma de contactos e de preparação de projetos. Poderia gastar horas recordando protagonistas e pessoas decisivas para este museu. O projeto não seria o que hoje é sem a participação, quase sempre desinteressada, de centenas de pessoas, cuja generosidade nunca conseguiremos quantificar: estudantes, historiadores, pintores, fotógrafos, professores, músicos, designers, arquitetos, mas sobretudo, e, muito em particular, a gente do povo de Mértola.

Santiago Macias

Historiador – Investigador do Campo Arqueológico de Mértola; Diretor do Panteão Nacional





HOMENAGEM A

**Cláudio
Torres,,**



Quem Construiu Tebas? (Sobre Cláudio Torres)

O Campo Arqueológico de Mértola, criado em 1978, é uma associação de desenvolvimento local pela via da investigação científica na área das humanidades e da intervenção cultural consequente. Parte do conhecimento pela investigação para a transformação da vida de uma comunidade esquecida, no interior do Alentejo no fim dos anos setenta. Este projecto representa a nossa mais importante e inovadora experiência pública de desenvolvimento local sustentado na cultura e no conhecimento da nossa democracia, que nos demonstra de forma pioneira a importância da autodeterminação cultural de uma comunidade. Falamos do mais importante projecto português de desenvolvimento local consequente a partir da história e da memória comunitárias abordadas sempre de forma multidisciplinar, nascido num período heroico da construção da nossa contemporaneidade.

Este projecto resulta da visão e do sonho de um homem. Nunca poderemos falar do Campo Arqueológico de Mértola sem falar de Cláudio Torres.

Temos que agradecer o que nos deu, mas sobretudo agradecer o que nos obrigou a conseguir, a conquistar, a criticar, a não aceitar, a por em perspectiva, a problematizar, a questionar. Agradecer porque nos ajudou a viver correndo os riscos, sem neutralidade, mas com objectividade e com objectivos. E tudo porque em algum momento das nossas vidas nos provocou a paixão da História, nos ensinou a aprender o ofício de historiador, ou tão simplesmente nos mudou a visão do passado e por isso também a do presente

Quer porque com ele aprendemos directamente, ou porque uma dívida que não se paga nos ligará sempre num reconhecimento ao conhecimento do Alentejo, que nunca mais poderemos ver da mesma forma depois deste homem ter escutado o chão desta terra e depois do que sobre ela escreveu e disse. Difícil ofício este, o de historiador.

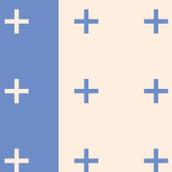
Como dizia Paul Veyne no seu já longínquo ensaio de epistemologia, de 1970 “O perigo com a História é que ela parece fácil e não o é. Ninguém se aventura a improvisar-se físico porque para isso todos sabemos por exemplo, que é necessária uma grande formação matemática; pois apesar de menos espectacular, nem por isso é menor a necessidade, para um historiador, de uma experiência histórica.(...) O historiador pecará menos pelo que afirma do que pelo que deixa de investigar. A dificuldade da história está menos em encontrar respostas do que em encontrar perguntas. O físico é um pouco como Édipo: é a esfinge que interroga, enquanto a ele cabe encontrar a resposta correcta; o historiador é mais como Perceval: tem o Graal aí, diante dele, debaixo dos seus olhos, mas este não se lhe revelará a não ser que ele faça a pergunta certa.

Quem de facto construiu Tebas? (...)

Cita-se recorrentemente, a este propósito, Marc Bloch, grande mestre e símbolo para todos os historiadores contemporâneos, quando ele escreveu que a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado, mas esquece-se com frequência a sua frase seguinte: “Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente e da vida

É por isso que ao contrário dos antiquários que apenas têm olhos para as coisas antigas, o nosso mestre ama a vida.

Este nosso Mestre ampliou a noção de documento, abandonou a ideia da neutralidade do historiador para perceber quem tinha afinal construído Tebas e ajudar-nos a perceber quem continua a construí-la hoje. E no lugar de Tebas, poderia Brecht ter perguntado quem construiu Mértola? Foram os outros? E quem eram os do Islão, esses que sempre nos disseram que nos tinham invadido? Eram os outros? Não, éramos afinal nós?



Saber sobre o presente ajuda-nos também, e tanto, a compreender o passado.

Também aprendemos com Cláudio Torres a substituir o conhecimento heróico pelo conhecimento edificante, um conhecimento que não é estranho nem indiferente às suas próprias consequências e que funda o princípio da esperança..

Falo, portanto, de um Homem que viveu (e vive de novo) em tempos sombrios, naquele sentido em que Hanna Arendt usou a expressão, no livro que assim chamou (Homens em Tempos Sombrios), e também Bertolt Brecht num dos seus poemas, intitulado “Aos que virão a nascer”. Quer dizer, a forma como foi afectado pelo tempo histórico, aquele em que se passam também os tempos sombrios, aqueles em que só há injustiça e não revolta, é para mim central, tem que ser, para um depoimento sobre o Cláudio Torres.

E o Cláudio viveu, e vive de novo, esses (ou nesses) tempos. Eles moldam, afectam, provocam, constroem uma certa forma de ver, de sentir, de viver a vida. Para quem deles tem a consciência, claro. Como o Cláudio. A sua vida, passados todos os anos em que as suas estórias se foram sucedendo, parece às vezes mítica. Tem episódios míticos em todo o caso e deixa-nos a imaginar sobre ele coisas que provavelmente nem aconteceram, mas isso não tem qualquer importância, (já Steinbeck, um dos escritores de uma dessas fases da vida do Cláudio, dizia que nem tudo o que não aconteceu foi necessariamente mentira...). Então continuemos com a nossa imaginação sobre ele, por alguma razão ela nos interpela. As suas estórias, as acontecidas e as que imaginamos, acentuaram-lhe uma certa capacidade para olhar, para observar a vida e o mundo, não de forma passiva, de todo, mas serena, tranquila, sabendo em cada momento que as coisas são o que são e não aquilo que gostaríamos que fossem, embora possamos e devemos tentar melhorá-las e transformá-las. E sonhar, sempre e acreditar, sempre, e tentar, sempre. E não desistir, nunca.

A sua tranquilidade, às vezes inocente, que eu acho que lhe vem de entender o tempo, o curto e o longo, o histórico e o mítico, sempre lhe adoçou o carácter e a forma de estar e de estar com os outros. Ele é firme nas convicções e flexível nos afectos e isso não é coisa pouca.

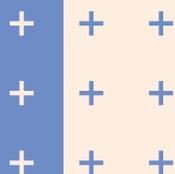
Talvez porque vem de tempos sombrios, tenha essa sabedoria do entendimento e da relatividade das coisas apesar de conservar os absolutos (mas os absolutos são sempre poucos por isso é que são absolutos) tudo o resto é, no Cláudio, hierarquizado aos valores maiores. As pessoas sempre antes das ideias, as ideias antes de tudo o resto, tudo polvilhado sempre de beleza, de ternura de muita afectividade e de cuidado e de atenção. E de liberdade.

Outros falarão melhor do seu papel no domínio do conhecimento, da arqueologia e da revolução tranquila que introduziu a esse respeito no nosso país. Eu sou mesmo “só” amigo do Cláudio, nunca trabalhei a sério com ele, os nossos encontros nessa matéria foram apenas por gostarmos muito de estar juntos. O resto sempre foi claramente secundário. Mas, ainda assim, se tivesse que dizer alguma coisa sobre essa vida do Cláudio, iria novamente a Brecht. “Quem construiu Tebas?(...)tantas histórias, tantas questões” poderia resumir o pensamento do Cláudio sobre a acção dos homens no tempo e no espaço, sobre a História portanto. Os outros, ou seja os nossos, são esses que ele persegue sempre para os trazer para o presente e para o futuro, para transformar o nosso tempo com o objectivo de melhorar a vida das pessoas através da cultura, do património, da história, da auto-estima baseada nas origens e no percurso até aqui, incluindo os tempos sombrios.

Talvez seja por isso que o Cláudio não fala de “desenvolvimento” com a desenvoltura que qualquer intelectual ou político o faz hoje. É raro ouvir-lhe esta palavra transformada em conceito pelos americanos. Ele fala mais de bem-estar de viver bem, com equilíbrio, com índices de felicidade, ele acha mesmo que falta “um instrumento mais fecundo para harmonizar as partes dissonantes” e procura-o.*

Quem Construiu Tebas?
(Sobre Cláudio Torres)

2/3



HOMENAGEM A
Cláudio Torres,

Até nos tempos sombrios como são por vezes também os nossos, temos, como dizia Hannah Arendt, “o direito de ter esperança em ver alguma luz, e é bem possível que essa luz não venha tanto das teorias e dos conceitos, como da chama incerta, vacilante e muitas vezes tênue, que alguns conseguem alimentar em quase todas as circunstâncias e projectar em todo o tempo que lhes é dado viver neste mundo”. Há pessoas que cruzam as nossas vidas para nos iluminarem.

Assim foi e é para mim o Cláudio. Ele é uma pessoa luminosa apesar da sombra dos tempos, porque precisamente tem essa capacidade de observar o espectáculo do mundo e portanto essa sabedoria. Só alguém que pode observar pode compreender sem paixão e assim iluminar os outros. Ouvir o Cláudio falar é muitas vezes uma epifania. Tem sido ao longo da minha vida. É por isso que ele é tão importante e não sou capaz de falar dele como observadora desapaixonada sobre questões do saber, da cultura, da arqueologia, do campo arqueológico e do seu imenso e excepcional trabalho. Eu falo com o coração porque foi no coração que ele mais me tocou e porque tem uma dimensão mágica, inocente e comovente, mesmo que ele a não revele, porque

“crê nos anjos que andam pelo mundo (...),
crê no incrível, nas coisas assombrosas,
na ocupação do mundo pelas rosas,
crê que o amor tem asas de ouro. Amén.”*

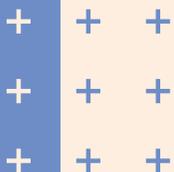
Ana Paula Amendoeira

Novembro de 2022

*versos do Poema “Credo” de Natália Correia

**Quem Construiu
Tebas?**
(Sobre Cláudio Torres)

3/3



HOMENAGEM A
**Cláudio
Torres,**



“*No âmbito desta homenagem será atribuído às Bolsas do ICOM Portugal, em 2023, o nome de Cláudio Torres,*”

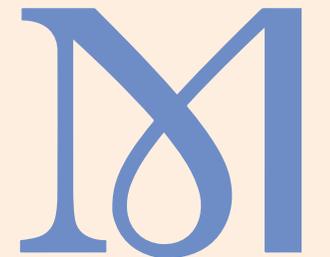


“HOMENAGEM A
**Cláudio
Torres,**”

ICOM international
council
of museums
Portugal

18 NOVEMBRO 2022

MÉRTOLA



**ENCONTROS
DE OUTONO**